

1-2013

O Fascínio de Deus

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Tavares, A. (2013). O Fascínio de Deus. *Missão Espiritana*, 21-22 (21-22). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol21/iss21/9>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

6 - O Fascínio de Deus

«Vós me seduzistes, Senhor, e eu me deixei seduzir» (Jr 20,7).

O fascínio que Deus exerce sobre um coração humano, só o entende quem de algum modo já o experimentou na sua vida.

A experiência do profeta Jeremias mostra-nos até onde pode chegar a força da atracção que Deus exerce sobre um coração humano, deixando-o, no entanto, livre, plenamente livre: «Vós me seduzistes, Senhor, e eu me deixei seduzir! Dominastes-me e obtivestes o triunfo. Sou objecto de contínua irrisão, e todos escarnecem de mim. Todas as vezes que falo é para proclamar a aproximação da violência e da devastação. E, dia após dia, a palavra do Senhor converte-se para mim em insultos e escárnios. A mim mesmo dizia: Não pensarei mais nele, não falarei mais em seu nome. Mas, dentro de mim, ardia um fogo devorador, que não podia conter nem suportar» (Jr 20,7-9).

É assim que Deus, uma vez tocado um coração humano, se revela: «Um fogo devorador», uma chama viva de amor, que queima dentro, e não se pode esconder nem abafar.

A missão de Jeremias tinha-se-lhe tornado muito dura, quase impossível de suportar, a ponto do profeta ter chegado a desejar esquecer-se de Deus, afastá-lo para sempre da sua mente e do seu coração. Mas em vão. A força de sedução que a bondade e o amor de Deus sobre ele exerciam era mais forte do que tudo, pois ele livremente se entregara a esse «fogo devorador» que fascina e encanta o coração humano sedento de luz e de verdade.

É somente a esta luz que podemos entender a reviravolta de cento e oitenta graus que aconteceu na vida do jovem Cláudio Poullart des Places. Na verdade, uma vez decidido a não resistir mais à voz interior do Espírito, experimentou profundamente o fascínio da ternura e do amor de Deus, como podemos entrever nestas suas palavras, feitas oração:

«Vós amais-me, meu divino Salvador, e dais-me disso provas bem sensíveis. Sei que a vossa ternura é infinita. Vós sois o Pai das misericórdias. Quero, a qualquer preço, tornar-me digno do vosso amor. O meu coração, até aqui, cheio de vaidade e de ambição, nada encontrava no mundo suficientemente elevado e grande para o encher. Estava reservado para um Deus e encontra agora com que encher-se inteiramente. Não mais será ocupado a não ser por Vós».

Mais tarde, num momento de provação e de dúvida, ao recordar o fascínio deste encontro com a ternura e a misericórdia de Deus, Cláudio Francisco escreveu:

«Há mais de três anos que, por uma graça extraordinária, Deus me tirou do mundo para me vestir de novo com a veste da santidade. Fez milagres em meu favor. Mas não confinou aí, este Deus de bon-

dade, os instantes movimentos da sua ternura por mim. Por um pequeno acto de amor para com Deus, sentia interiormente visitas suas que de modo algum se podem exprimir. Recebia consolações em abundância; os meus olhos não paravam de verter lágrimas, quando, estando só, podia meditar nos meus desvarios e nas misericórdias de Deus».

Bonitas palavras, poderíamos dizer. Na verdade, são bem mais do que isso. São, de facto, a expressão de uma vida e de um amor apaixonado. Com efeito, este jovem de 22 anos chegou a dormir apenas três horas, e sentado numa cadeira, por querer permanecer em oração contínua.

Exagero! – somos tentados a exclamar. Mas não é próprio do coração enamorado exagerar? Exagerar Deus! – Não é desta profecia que o nosso mundo materialista e secularizado, onde o ateísmo se tornou militante, mais necessitado está?

Em Cláudio Poullart des Places, a maturidade da fé e do amor purificado fá-lo-á encontrar o equilíbrio necessário. E a entrega será então plena e total, pois «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13).

7 - Viver em Liberdade

«O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra» (Jo 4,34).

Podemos viver ao sabor de qualquer vento, arrastados pela moda que passa, levados pelo impulso do instinto ou da emoção, em função do «agrada» – «não-agrada», sem nunca pararmos para escutar a voz da razão. Mas viver assim, será viver em liberdade?

Se vivo ao sabor de qualquer vento, não sou eu que determino o sentido e a orientação da minha vida. Sou arrastado. Não escolho. Deixo-me levar.

Mas isso pode ser uma opção, oiço, amiúde, dizer. Sim. É verdade. Pode ser uma opção. Mas que opção?! Escolher não orientar a minha vida, não assumir, em última instância, a responsabilidade do que digo e faço, é isso uma opção que leve a viver em liberdade?

São muitas as vozes que nos habitam e circundam. Podemos viver ao sabor daquela que, no momento, gritar mais alto. Mas também podemos realizar o exercício de procurar discernir, na multiplicidade dessas vozes, aquela que nos aponta caminhos de verdade, que tornam possível viver em liberdade.

É nesta perspectiva que Jesus nos situa, quando diz: «Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará» (Jo 8,31-32).